

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Gazeta de Alagoas Class.: Karapotós 31  
 Data: 20/12/92 Pg.: \_\_\_\_\_

### É crítica a situação dos Karapotós

Está cada vez mais crítica a situação das 150 famílias de índios Karapotós que estão há um ano acampados às margens da rodovia na cidade de São Sebastião. Eles reclamam uma solução para o problema de demarcação da área indígena de 1.810 hectares, localizados dentro da Fazenda Coqueiro e em terras da Usina Sinimbu.

De acordo com o cacique Juarez de Souza, a falta de estrutura do lugar e o descaso da Funai para com os Karapotós têm deixado os índios revoltados e a cada dia a situação vai ficando mais tensa. Juarez denuncia o abandono da aldeia e compara a situação dos índios à do gado que pasta bem perto da área indígena. "Estamos encurralados aqui. Cercaram a gente por todos os lados", diz indignado.

**Sobrevivência** - Especialmente entre os índios adultos o clima é de consternação e deses-

pero quanto à questão da sobrevivência. Não há terra para plantar, e com isso, os índios são obrigados a trabalhar no corte da cana. Eles saem de casa às 4 horas da manhã e retornam às 8 da noite com o "salário" apurado no dia, suficiente para as necessidades de algumas horas.

Os Karapotós convivem ainda com o preconceito na hora do trabalho. Os posseiros e fazendeiros se negam a arrendar-lhes terra e as usinas descartam quem se identifica como índio. Por isso, os índios escondem a identidade como forma de garantir trabalho, que sempre fazem descontentes, por mera obrigação. "A gente gosta é de trabalhar pra nós mesmo", explica o índio José Ferreira da Silva.

A insatisfação cresce ainda mais quando se trata da infraestrutura do lugar. As barracas de lona estão sendo levadas pelo

vento. Não existem palhas suficientes para reforçar as palhoças que são pequenas demais para as famílias. Não há assistência na área de saúde. As 40 crianças da aldeia estão doentes e a Fundação Nacional de Saúde não libera medicamentos. As fossas também construídas pela FNS, para o combate à cólera, estão inacabadas.

**Sem comida** - Não há alimentação e o cacique Juarez diz constringido: "Eu me envergonho, às vezes, de chegar um parente e não ter o que servir" - se referindo às outras tribos. Os Karapotós já estão há cinco anos sem plantar. Há vinte se engajaram na luta pela demarcação da terra.

A água para beber ainda é retirada de alguns reservatórios e nascentes na Fazenda Coqueiro, mesmo que sob ameaça dos fazendeiros, mas o líquido utilizado para as outras necessida-

des é o mesmo usado pelo gado da região.

O cacique Juarez alerta que está cada vez mais difícil conter a revolta dos índios e informa que parte da tribo que mora em Porto Real do Colégio - junto com os Kariri-Xocó - está disposta a voltar para São Sebastião. Caso isso aconteça, a situação tende a se tornar insuportável. A área cercada não comporta as mil famílias que formam a nação dos Karapotós e há o risco de expulso social.

Além disso, os Karapotós receberam, durante a 2ª Assembleia Indígena do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo, realizada em Maceió, em novembro, o apoio incondicional das lideranças presentes e a promessa de atuação efetiva que passa até mesmo pela vinda de outras nações. O desfecho disso, segundo o cacique Juarez, é imprevisível.

### Representante da Funai diz que nada pode fazer

O presidente da Fundação Nacional do Índio - Funai, Sidney Ponsuelo, enviou esta semana a Maceió o diretor Nacional de Assistência ao Índio, Cláudio Romero, para discutir a questão dos Karapotós e visitar as aldeias alagoanas com problemas de terras. Na terça-feira o diretor esteve reunido com 15 lideranças dos Karapotós na sede da Funai e ficou impressionado com o relato dos índios sobre as condições de vida do local onde estão acampados.

"É uma das situações mais graves do país, revelou Romero, os índios Karapotós estão vivendo em condições subhumanas". Foram quase quatro horas de reunião sem resultados práticos. O diretor de Assistência in-

formou apenas que não há verbas para consolidar a desapropriação da terra e a melhor perspectiva de que isso possa acontecer leva o caso para fevereiro do próximo ano, quando será aprovado o orçamento do Governo Federal.

O cacique Karapotós, Juarez de Souza informou que os índios não suportariam tanto tempo esperando e a partir daí surgiu a proposta de enviar uma delegação de 5 índios à Brasília para conseguir recursos para medicação, água e alimentação. As pessoas serão custeadas pela Funai mas a data ainda está indefinida. E que por um erro de cálculo a viagem que estava sendo marcada para a próxima semana foi cancelada devido às co-

memorações do Natal e Ano Novo.

O diretor da Funai diz que o órgão reconhece a situação de miséria em que os índios estão vivendo, mas alerta que a Funai está fazendo o possível para tentar conseguir os 9 bilhões e 50 milhões de cruzeiros necessários para as indenizações aos posseiros e fazendeiros. Romero deixou transparecer, no entanto, que não há nenhum projeto na Funai para agilizar o processo de demarcação das terras. Segundo o diretor, em fevereiro o órgão estaria disposto a realizar uma grande campanha em defesa da terra Karapotó. Essa idéia, no entanto, pode ser antecipada para janeiro, coincidindo com a ida da delegação de Karapotós à Brasília. Mas nada está definido.

Enquanto isso, o administrador da Funai em Alagoas, José Gomes de Araújo, diz que o órgão nada pode fazer para tentar resolver problema de miséria na tribo. Ele sustenta que o órgão não tem recursos e que todos os meios já foram tentados. O ex-administrador, José Heleno, no entanto, afirma que tudo é uma questão de administração.

José Gomes diz que já enviou pedido de recursos à Administração da Funai em Brasília e que está esperando a resposta para breve. Ele acredita, no entanto, que mesmo que esses recursos cheguem antes do final do ano não há condições de passar os alimentos antes do início de janeiro.